

## RESENHA

MATSUDA, Aoko. **Onde vivem as monstras**. Trad. Rita Kohl – 1. Ed. São Paulo: Gutenberg, 2023.

Joy Nascimento AFONSO  
Universidade Estadual Paulista  
joy.afonso@unesp.br  
<https://orcid.org/0000-0002-0994-5524>

A coletânea de contos “Onde vivem as monstras” (*Obachan-tachi no iru tokoro*) publicada em japonês em 2016, e no Brasil em 2023, da autora contemporânea japonesa Aoko Matsuda<sup>1</sup> é uma obra que se propõe a olhar sobre as múltiplas faces do feminino na sociedade atual, discutindo modelos estereotipados descritas pela perspectiva masculina e por eles representadas como vilãs, que na coletânea assumem um papel protagonista e de certa forma redentora. A coletânea, traduzida para o português brasileiro por Rita Kohl, é composta por dezessete contos e, ao final da obra, uma espécie de apêndice, no qual a autora lista dezesseis personagens históricas e literárias que a influenciaram para as narrativas contidas na coletânea. Acredito que o apêndice guie o leitor mais jovem ou pouco conhecedor do folclore asiático às figuras femininas desconhecidas do público, ou até mesmo conhecidas como modelo estereotipados do feminino japonês.

Embora nas dezessete narrativas o leitor seja apresentado a diversas personagens, quatro personagens aparecem em mais de um conto, são eles: Shigueru, a mãe falecida de Shigeru, a prima de Shigeru – que se encontra com o fantasma da tia –, e Tei, o chefe do departamento de produção de uma fábrica de incensos e representante de vendas desta empresa. As quatro personagens servem para interligar os contos à trama principal dos contos, que debatem as várias nuances do feminino na sociedade contemporânea. Assim, em cada narrativa, temos a perspectiva de um “tipo de feminino” conhecido na sociedade, que vai desde a mulher super

---

<sup>1</sup> Aoko Matsuda escritora e tradutora japonesa, nasceu em 1979 na província de Hyogo. Graduada em Letras com ênfase em língua inglesa, pela Universidade Doshisha, em Kyoto. Em 2010 estreia como escritora na revista literária “Literatura Waseda”, com o conto “Mentira a prova d'água” (Uôtaa purûfu usobakari!). Em 2013 publica o seu primeiro romance “Habilidade em empilhar” (Suttakingu kanô), que foi indicado aos prêmios Mishima e Noma. Em 2021, sua coletânea de contos, traduzida para o inglês, “Onde vivem as monstras” (Obachan tachi no irutokoro) ganhou o prêmio internacional World Fantasy Literature Award.

obcecada com sua aparência, que se compara à modelos eurocentrados, a mães solos, ou ainda àquela que sofre com um ciúme doentio, pois foi criada acreditando que amor significava posse. Devido à extensão do trabalho, nos propomos a apresentar apenas três contos da coletânea.

No primeiro conto, “Se cuidar”, a narradora, descreve em primeira pessoa vários procedimentos estéticos que se sente obrigada a fazer para se ver livre dos pelos do corpo, tendo como foco um “bem-estar” feminino tão disseminado pelos *outdoors* nas ruas. No retorno para casa, enquanto segue uma rotina de compras em caras lojas de departamento, reflete o porquê não se parecer com as mulheres loiras que vê nos filmes, apesar de seu esforço constante e se parecer com uma. Seu apartamento é a representação de uma revista de decoração ocidental, com móveis caros de designers ocidentais e cores pasteis que lembram um filme estadunidense. Enquanto se arruma para assistir a um filme da atriz estadunidense Michelle Williams, a campainha toca, e ao atender a porta ela se depara com a figura de sua tia, que havia falecido um ano antes. O diálogo das duas personagens traz mulheres de duas gerações diferentes falando abertamente sobre corpo, amor e autocuidado. A tia, uma senhora sempre muito espirituosa, havia se suicidado, pensando em se vingar de seu ex-companheiro, pai de seu filho, de quem ela sempre fora amante. Enquanto isso, a jovem narradora acredita que não ter tido tempo para tirar os pelos dos braços tenha sido a causa do término de seu relacionamento. A tia aconselha a sobrinha a pensar na força de seus pelos e no quanto a força de uma mulher assusta o homem acostumado a olhar para padrões irreais, enquanto a sobrinha expõe a atitude da tia ao se suicidar deixando o filho sozinho. Ao final do conto a tia propõe que a sobrinha assuma sua força interior, assim como a personagem histórica Kyohime, que após muitas rejeições e tomada pelo ódio se transforma em uma cobra, e se vinga daqueles que a esnobaram. Assim como a tia, que havia desenvolvido a habilidade de aparecer e andar por onde quer que fosse, a jovem sobrinha deveria aceitar seus pelos como sua força interior. Essa seria a maior vingança que uma mulher poderia causar à sociedade: seu amor-próprio.

No sétimo conto, “A vida de Kuzuha”, a personagem central narra a sua vida, se baseando na ideia de que mulheres que despontam em qualquer ambiente e chamam a atenção em demasiado não conseguem afeto na vida. A narrativa se baseia na lenda da raposa que prisioneira de um caçador é libertada, e retorna para seu salvador em forma de mulher. Após casarem-se e terem um filho, rumores sobre sua identidade surgem e ela foge para o interior das montanhas do monte Tenjin, em Nara. Na narrativa de Matsuda, Kuzuha, desde a infância, é comparada a uma raposa, seja por sua aparência com “rosto fino e os olhos estreitos” (Matsuda,

2023, p. 101), seja pela disparidade entre os membros de sua família – “[s]eus pais, de olhos grandes e redondos com corpos roliços, lembravam mais texugos. Sua irmã, cinco anos mais velha, era do mesmo grupo que eles. Assim, Kuzuha cresceu como uma raposa entre texugos” (Matsuda, 2023, p. 101) – mas principalmente porque ela enxergava atalhos, que ninguém mais via, entretanto, se destacar demais lhe causava incômodos.

A cada vez que ela ia bem em uma prova, e quando os professores pregavam as notas na parede e seu nome aparecia acima dos nomes dos meninos, Kuzuha sentia os olhares dos colegas. Não conseguia ignorar o pressentimento de que ser uma aluna melhor do que os meninos só faria com que as pessoas a evitassem, e que tudo isso a levaria, no fim das contas, a situações complicadas. Ela chegava a ter raiva dos caminhos que via, tão livres, sem uma pedrinha sequer. Seria melhor se eles fossem um pouco mais tortuosos, se tivessem um pouco de mato. Assim ela poderia, tranquilamente, mostrar aos outros colegas que também tropeçava e caía pelo caminho, e trocar risadinhas cúmplices com todo mundo. Como meninas normais devem fazer. Ela não gostava de atrair olhares. Não lhe parecia que chamar a atenção traria nada de positivo (Matsuda, 2023, p. 102).

Compreendendo que se destacar demais, principalmente acima dos homens, a tornaria um alvo fácil de inveja e preconceito, Kuzuha decide viver a vida como uma mulher mediana. Ela decide não fazer faculdade, vai trabalhar em uma empresa que não havia destaques, nem funcionários com futuro promissor, e casa-se aos vinte e poucos anos com um homem mediano, de quem ela sentia pena, por fingir ser competente em algo que ele não era, e tem com ele um filho. Viviam em harmonia, como a sociedade espera de uma mulher. Quando o filho entra na faculdade, ela passa a ouvir uma voz dizendo: “Está chegando a hora de fugir?”. Kuzuha não entendia. Passou a fazer caminhadas nas montanhas, onde se sentia livre. Certo dia, ao se embrenhar na selva da montanha, ela escorrega e cai em um despenhadeiro, transformando-se em sua verdadeira essência: se transmuta em raposa. Tudo passa a fazer sentido, “[...] era por isso que ela era tão boa em se transformar em mulher humana, em mulher japonesa” (Matsuda, 2023, p.109). Ela passa a explorar seu potencial máximo, e passa a trabalhar em uma empresa que compreendia seus talentos. Kuzuha não precisava mais fingir ser mediana. Os tempos mudaram, havia mais igualdade trabalhistas, mas o nivelamento era por baixo, “[...] em vez de as mulheres subirem, os homens também foram rebaixados” (Matsuda, 2023, p. 111). Para ela, que fingiu por anos ser alguém que ela não era, viver na contemporaneidade, era entender que ou você se adequa ao que se espera de você, ou chamará a atenção, sempre.

Por fim, em “No que ela é capaz”, a narradora do conto é a fantasma Kosodate Yûrei, ou “fantasma cuidadora de crianças”, que descreve em detalhes a vida de uma mãe solo, de como ela teve que abandonar o lar com seu bebê de colo e sozinha sem receber ajuda da família ou governo, enfrentar uma sociedade que a culpa por tudo, inclusive por ser mãe. Acompanhamos o dia a dia dessa mãe e de seu filhinho, cujo nome não é citado, e que a fantasma é a única que reconhece seu esforço e se prontifica a ajudá-la. Ela cuida de seu bebê, enquanto a mãe sai para o trabalho noturno, único disponível para mães solo. Desde o início, a criança percebe sua presença, ela lhe oferece uma bala, que ele logo aceita, e aos poucos a babá-fantasma ajuda na organização da casa e cuida da criança enquanto a mãe está fora. É a única rede de apoio dessas mães capazes de tudo, diante da sociedade que só conseguem acusá-las e julgá-las por decidirem viver fora do padrão social estabelecido. Ser capaz de viver como uma mulher fora dos padrões sociais é o ato mais “inverossímil” do que ter uma babá-fantasma.

Das narrativas fantásticas de Matsuda, conseguimos depreender uma afiada crítica feminista à sociedade contemporânea japonesa, que ainda pressupõe padrões tradicionais e servis para o corpo feminino. A autora, abertamente feminista, se propõe a discutir, mesclando sátira, ironia, humor e histórias de fantasmas, como os papéis de gênero estabelecidos socialmente afetam não apenas as mulheres, mas também os homens, e que a intensa pressão sobre o feminino beira o fantástico e o insólito, tendo em vista que poucas mulheres ou mesmo ninguém consegue corresponder a esse padrão idealizado pelo patriarcado.

A obra também levanta questões sobre como a mulher japonesa é vista fora do Japão, com um olhar subserviente e orientalista, e como esse estereótipo ratifica o machismo que esvazia a causa feminista também debatida na sociedade japonesa. Em suma, a coletânea de contos *Onde vivem as monstras* chama a atenção do leitor não apenas por apresentar a cultura japonesa sob uma ótica fora do padrão eurocentrado, mas principalmente pelas discussões atuais que tem acontecido tanto no Japão quanto no Brasil, sobre o papel da mulher na sociedade atual. No final, “as monstras” deixam de ser as vilãs, e tornam-se a representação da coragem feminina.